

## A QUARTA PÁGINA: ANÚNCIOS DE ROMANCES NA GAZETA DE LISBOA ENTRE 1808 E 1840<sup>1</sup>

Beatriz GABRIELLI

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo identificar os romances mais anunciados no jornal diário português *Gazeta de Lisboa* no período entre 1808 e 1840. Por meio do estudo de anúncios de livreiros é possível reconhecer o esforço desses profissionais para alcançar públicos cada vez mais amplos, selecionando, de seus catálogos, as obras que acreditavam atrair mais público. Comparando os dados obtidos nos anúncios de livreiros portugueses com outras pesquisas sobre o mercado livreiro brasileiro, pretende-se identificar o interesse por romances no início do século XIX nesses dois países, observando as semelhanças e diferenças entre as obras mais anunciadas pelos livreiros nesses dois países no período.

**Palavras-chave:** História Literária; Romance; História do Livro; Circulação de Impresses; Periódicos.

Este trabalho tem como objetivo apresentar um levantamento dos romances originais e traduzidos encontrados nos anúncios da *Gazeta de Lisboa* entre 1808 e 1840, percorrendo um período coincidente à criação da Imprensa Régia no Brasil e o início da década de difusão ampla dos *romans-feuilleton*, além de permitir futuras comparações com dados sobre anúncios na França, Inglaterra e Brasil, recolhidos por outros pesquisadores do projeto temático internacional no qual esta pesquisa se insere, “*A Circulação Transatlântica dos Impresses - a globalização da cultura no século XIX*”. A partir da análise destes dados, pretende-se mostrar as obras mais anunciadas neste jornal e comparar os resultados obtidos com pesquisas já realizadas sobre romances no Brasil e em Portugal no mesmo período, analisando as diferenças e semelhanças entre eles e possíveis motivos para isso.

Apesar de ser a sede de um Império, a situação portuguesa era muito diferente de outros países europeus no século XIX. Estima-se que a população na sede do Império em 1801 era de apenas 2.931.930 habitantes, chegando a 1850 com 3.471.199 habitantes. Neste meio de século, apenas 15% eram alfabetizados, um número que parece ainda menor se comparado com os de outras nações europeias em situação econômica semelhante: 25% de alfabetizados na Espanha e Itália. A diferença torna-se ainda maior em comparação com os números das maiores potências no mesmo período: 70% da população inglesa e 55% de franceses (HALPERN, 1969). A taxa de alfabetização só chegaria a 25% na virada do século XIX, igualando-se à porcentagem de alfabetizados no Brasil, que nessa altura tinha dezoito milhões de habitantes, contra os 5,5 milhões de Portugal (CANDEIAS et al., 1999; LOPES apud ABREU, 2013).

---

<sup>1</sup> Este trabalho vem sendo desenvolvido com auxílio da FAPESP, como parte do Projeto Temático Circulação Transatlântica dos Impresses, com apoio de uma bolsa de iniciação científica pela FAPESP e de uma Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior, também pela FAPESP.

Apesar dos números, vemos a expansão do comércio de livros na cidade de Lisboa, que se estabelece como um centro de edição e venda. Se em 1810 os anunciantes de livros encontrados da *Gazeta de Lisboa* eram 18, em 1820 eles já chegavam a 33 (LISBOA, 1991). A partir dos registros dos órgãos de censura portugueses, compreendemos melhor o trânsito de livros lisboetas em mercados externos, seja no território continental português ou nos domínios coloniais por controlar a circulação de impressos dentro de Portugal e entre a metrópole e suas colônias.

A partir desses registros, sabemos que a quantidade de livros que se destinavam ao Rio de Janeiro superava as exportações para as colônias asiáticas e africanas, sendo maior que o volume de livros destinados a Coimbra e Porto (ABREU, 2003). Além dessas duas cidades portuguesas citadas, Braga e Guimarães eram alvos dos comerciantes de livros lisboetas, porém em menor escala (CAEIRO, 1980).

Uma possível explicação para a baixa distribuição de livros nessas cidades está na dificuldade no transporte pelas estradas, mais complicado do que o transporte de navio, apesar de menos demorado. Além disso, ao contrário dos territórios coloniais, essas cidades eram autorizadas a imprimirem obras e possuíam produção editorial própria, ainda que em proporções menores que as lisboetas (ABREU, 2003). Destacam-se entre elas, a impressão ligada à Universidade de Coimbra, além das pequenas produções de Porto, que dependia mais das produções da capital (LISBOA, 1991).

Percebe-se que o mercado livreiro português dependia dos leitores de suas colônias, principalmente dos brasileiros, para continuar expandindo seus negócios. <sup>Alguns dos principais</sup> livreiros instalados em Portugal <sup>como</sup> Paulo Martin, Viúva Bertrand, João Francisco Rolland, Borel, Borel e Cia e Pedro e Jorge Rey lucraram com o comércio de livros de Lisboa para diversas localidades, principalmente para o Brasil e os pedidos registrados pela censura para a autorização de envios portugueses de livros só cresceram, mesmo após a criação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro e a possibilidade de importar mercadorias de outras localidades (ABREU, 2003).

Pensando na conexão entre a produção e o consumo de livros no Brasil e em Portugal, pretendo inserir meus estudos ainda em andamento sobre as obras anunciadas no jornal português *Gazeta de Lisboa* nas reflexões sobre a circulação transatlântica dos impressos no século XIX, tentando identificar semelhanças e diferenças na oferta de romances nesses dois países (ABREU, 2011).

A *Gazeta de Lisboa*, o periódico utilizado nesta pesquisa, é uma fonte importante para a observação dessa evolução dos anúncios de romances em Portugal. Fundado em 1715, ele passou a ser publicado diariamente em 1809 e existe até hoje, com o nome de *Diário da República*. Sendo um dos periódicos mais duradouros da história da imprensa periódica portuguesa, acompanhou as inúmeras mudanças históricas, políticas e culturais pelas quais passou o país nesse longo período de existência (TENGARRINHA, 1989).

Por esse motivo, observar os anúncios de livros neste jornal durante o século XIX é também observar um mercado em crescimento e transformação constantes, mesmo que a expansão da produção de impressos não fosse algo recente, uma vez que já estava em curso na Europa toda no século XVIII (CHARTIER apud ABREU, 2000). No caso dos portugueses, um fato decisivo para o aumento da sua produção de livros foi a conexão dos editores portugueses com os franceses nos séculos XVIII e XIX, com quem aprenderam

a produzir edições menos luxuosas, com capa brochada e papel de menor qualidade (CAEIRO, 1980). Esse modelo de produção era mais barato para os próprios produtores e também mais acessível para os leitores, permitindo que mais livros fossem produzidos e um maior número de pessoas pudesse adquiri-los (EL FAR, 2010). Essa produção atendeu a um público cada vez maior e diversificado, pois houve a redução do analfabetismo no século XIX, mesmo que a passos mais lentos do que na França e Inglaterra, inserindo mulheres, crianças e operários ao grupo de leitores.

Pelos anúncios em jornais é possível reconhecer o esforço dos livreiros para chegar a um público em crescimento, buscando atrair e agradar seus clientes ao oferecer os mais diferentes gêneros, numa seleção de obras que acreditam que interessarão mais aos seus leitores. A oferta que aparece nos anúncios pode ser vista como um indicativo do que era produzido e de como os livreiros concebiam o seu público a partir das suas expectativas de consumo.

Não é possível saber apenas com os dados dos anúncios quais eram as obras que realmente interessavam os leitores, mas é provável que os anúncios tenham funcionado, pois continuam aparecendo e tornando-se cada vez mais sofisticados e numerosos (MANÇANO, 2010). Podemos ver essa evolução claramente na *Gazeta de Lisboa*, pois se no início do século XIX os anúncios de livreiros costumavam aparecer timidamente na quarta e última página do periódico, em meio à categoria de “Avisos”, ganharam em 1820 uma categoria própria, chamada “Publicações Litterarias”.

O estudo dos anúncios foi feito entre 1808, com o início das atividades na Imprensa Régia do Rio de Janeiro e o início da produção autorizada de livros no Brasil até a introdução dos romances-folhetins em Portugal e no Brasil em 1840. Os livreiros que anunciavam romances neste jornal no período estudado eram 21, um número inferior ao número de livreiros anunciantes na *Gazeta de Lisboa* (LISBOA, 1991). Isso pode indicar a especialização de alguns livreiros nesse gênero, assim como a possibilidade de mais livreiros venderem romances, apesar de não anunciá-los. Esses anúncios parecem cobrir apenas os livreiros situados em Lisboa, pois apenas dois anunciantes não eram da cidade: a Loja de Costa e Paiva, situada no Porto e a Loja da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Os anúncios localizavam-se na quarta e última página do periódico, dividindo espaço com propagandas diversas e também de outros tipos de livros. Nos 449 anúncios encontrados, referentes ao período entre 1808 e 1840, foram identificadas, com o auxílio de coletâneas sobre edições portuguesas de romances no século XIX<sup>2</sup>, 219 romances. Os títulos mais anunciados são:

---

<sup>2</sup> Além dos anúncios, foram utilizadas três obras sobre edições de romances portugueses no século XIX: *A Novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico* (RODRIGUES, 1951); *Diccionario bibliographico portuguez* (SILVA, ARANHA, 2001) e *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve* (BALBI, 1822).

Obra	Número de anúncios
<i>Tom Jones</i> de Henry Fielding	18
<i>O Quixote do Século XVIII</i> de D. Juan Siñeriz	9
<i>Os Mártires ou a Vitória da Religião</i> de Chateaubriand	8
<i>Celestina</i> de Bellin de la Liborlière	8
<i>A Cadelinha</i> de Antonio Manuel Policarpo da Silva	7
<i>Novelas Exemplares</i> de Miguel de Cervantes	7
<i>Conto Oriental</i> de autoria desconhecida	7
<i>O Amor Desgraçado</i> de Louvet de Couvray	6

**Tabela 1:** Obras mais anunciadas na *Gazeta de Lisboa* no período entre 1808 e 1840

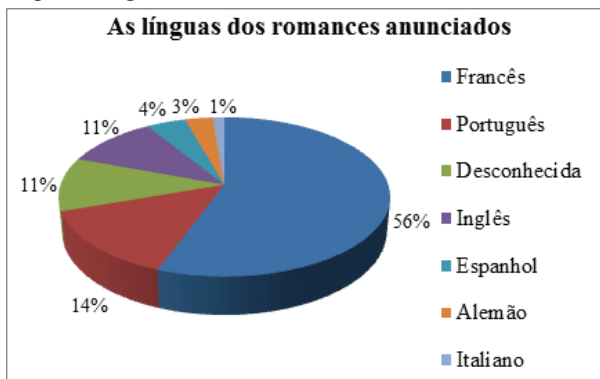
Além destas obras, outras seis são anunciadas cinco vezes, 17 quatro vezes, 24 três vezes, 47 duas vezes e o restante apenas uma vez. Esses dados demonstram que há uma grande oferta de títulos, que são anunciados poucas vezes e logo substituídos por outros. Os anunciantes parecem buscar nas novidades um modo de atrair seus clientes, não gastando tinta com os romances que já eram conhecidos.

A forma com que os romances eram publicados influencia diretamente o número de, pois entre os mais anunciados, *Tom Jones ou Enjeitado* de Henry Fielding, *O Quixote do Século XVIII, ou História da Vida e Feitos, Aventuras e Façanhas de Mr. Legrand* de D. Juan Siñeriz e *Celestina ou os Esposos sem o Serem* de Bellin de la Liborlière foram publicados em partes e anunciados de acordo com o lançamento destas. No caso da obra mais anunciada, *Tom Jones*, uma das razões para o grande número de anúncios é a forma com que se deu sua publicação. Seus quatro tomos foram divididos em quatro folhetos. Eles eram oferecidos pela Loja de Nascimento para venda ou subscrição separadamente, conforme saíam da Impressão Régia de Lisboa. Desse modo, no período entre 1813 e 1816 foram feitos nove dos 16 anúncios da obra, que permanecia sempre como uma “novidade” a ser publicada, apesar de estar sempre presente nos anúncios, o que pode ter alavancado suas vendas.

Além da renovação constante de obras, destaca-se a presença das traduções, em especial de obras francesas. A maior parte das obras anunciadas são traduções de obras em francês (56%), inglês (11%), espanhol (4%), alemão (3%) e italiano (1%). A diversidade de obras traduzidas com as quais o público português entrava em contato é demonstrada na lista dos romances mais anunciados, com três obras traduzidas do francês, duas do espanhol e uma obra traduzida do inglês. Dentre as obras mais anunciadas, sendo apenas uma, *A Cadelinha* de Antonio Manuel Policarpo da Silva, foi originalmente escrita em língua portuguesa. O autor é sempre referido como “autor do *Piolho Viajante*”, seu grande sucesso e que curiosamente não é anunciado nenhuma vez nesses 32 anos de anúncios analisados.

Apenas três obras estrangeiras são anunciadas em língua original: *Les Aventures de Télémaque* de Fénelon, *Le Génie du Christianisme* de Chateaubriand e *Notre-Dame de Paris* de Victor Hugo. São edições belgas com textos em francês, aparentemente uma especialidade do anunciante, a Livraria Belga. Essas edições parecem indicar que

havia um público leitor que se dispunha a ler essas obras de grande sucesso em língua original, mesmo que já houvesse traduções de *Télémaque* e *Génie* para o português. Já os interessados na obra de Victor Hugo, que só ganha sua primeira tradução em 1839, ganham uma forma de acompanhar essa obra de sucesso, mesmo quando a tradução demora dois anos para chegar.



**Gráfico 1:** As línguas dos romances mais anunciados na *Gazeta de Lisboa* no período entre 1808 e 1840

Como já foi dito, os dados de anúncios não refletem necessariamente o que era lido: eles são uma amostra da oferta e das estratégias dos livreiros para atrair mais o público. Assim como nem tudo o que é anunciado é necessariamente comprado, nem tudo o que se adquire é lido. Outro fato a ser questionado são os meios de obter livros, já que eles não necessariamente passam pelos livreiros. Empréstimos de bibliotecas, gabinetes de leituras, heranças são algumas das possibilidades de se chegar aos livros (LISBOA, 1991).

Tentando compreender mais sobre essa questão, direciono-me à comparação dos meus dados com outras pesquisas já feitas, buscando nesse movimento apoio para explorar melhor meus dados e compreendê-los mais amplamente. Para isso, dialogo diretamente com os dados sobre o Brasil no século XIX, pois como já foi dito, a produção lusitana abastecia suas diversas colônias e tinha no mercado brasileiro um grande consumidor (ABREU, 2013).

Duas são as pesquisas utilizadas com este objetivo: a de Márcia Abreu (2003) sobre os pedidos de importação de livros de Portugal para o Rio de Janeiro entre 1808 e 1821 e os dados de Regiane Mançano (2011) sobre anúncios de livros em periódicos do Rio de Janeiro entre 1810 e 1843. Mesmo com das diferentes abordagens e objetos de estudo, as comparações são válidas e devem ser feitas para conhecer melhor o que fazia sucesso e tentar compreender os motivos para que isso ocorresse (ABREU, 2013).

A partir dos pedidos consultados por Abreu (2013) é possível saber que os livros mais enviados de Lisboa ao Rio de Janeiro são: *Les Aventures de Télémaque*, de Fénelon (1699); *Histoire de Gil Blas*, de Lesage (1715); *Don Quijote*, de Cervantes (1605-1615); *História de Carlos Magno* (1728-1737-1745), de autor desconhecido; *Lances da ventura*, de Monroy e Ros (1793); *O Feliz independente*, de Almeida (1779). Os anúncios de jornais brasileiros, por sua vez, mostram que essas obras foram bastante anunciadas,

principalmente *Les aventures de Télémaque*, *Histoire de Gil Blas* e *Lances da Ventura* e ainda *Paul et Virginie*, de Saint-Pierre (1788) e *Magasin des enfants*, de Beaumont (1757).

Comparando esses resultados com os anúncios lisboetas, descobrimos que dos romances que aparecem nos registros de censura nos portos de Lisboa e Rio de Janeiro, nenhum aparece entre os oito mais anunciados de Lisboa e entre todos os anunciados apenas dois estão presentes nos anúncios lusitanos: *Les Aventures de Télémaque*, que aparece três vezes (em 1808, 1825 e 1837) e *Histoire de Gil Blas*, que aparece uma vez em 1816.

Aparentemente, o ponto de convergência entre as três pesquisas está justamente na preferência por obras francesas. Elas são 65% das entradas de livros no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821, 90% dos livros mais anunciados entre 1810 e 1843 e 56% dos romances anunciados em Lisboa (ABREU, 2011; MANÇANO, 2011). Isso confirma a relevância francesa para o cenário literário destes dois países, acompanhando uma tendência mundial no século XIX (ABREU, 2011). Os livreiros parecem priorizar o investimento em obras e autores franceses reconhecidos pelo público, uma atitude mais segura do que investir em autores desconhecidos ou em obras nacionais.

A diferença entre os dados de anúncios em Portugal e no Brasil parece estar na tendência dos portugueses apostarem em obras de sucesso naquele momento, mais atuais, já que três (*O Quixote*, *Os Mártires*, *A Cadelinha*) dos oito livros mais anunciados<sup>3</sup> são do período em que os anúncios são estudados. Os livreiros brasileiros parecem preferir o anúncio de obras já reconhecidas pelo público e de grande sucesso há algum tempo, já que nenhum romance entre os mais anunciados em jornais brasileiros corresponde ao período em que os anúncios foram analisados.

A ausência ou o pequeno número de obras de grande sucesso nos anúncios portugueses parece uma questão importante a ser analisada. Por que os livreiros buscam atrair seu público com comentários como “galante”, “moral”, “divertida”, “instructiva”, destacar os autores e tradutores de sucesso, a aceitação da obra em diversas línguas e países, mas não optam pelo anúncio de obras de sucesso duradouro, como fazem os brasileiros? Para isso, é necessário destacar a figura do livreiro, como anunciante e comerciante. Sua ação é digna de aprofundamento, pois eles os são responsáveis pelas escolhas das obras a serem oferecidas pelo público, no papel de intermediários entre a oferta e a demanda (DARNTON, 1995).

O grande número de traduções anunciados ao longo desses 32 anos mostra que os livreiros e os leitores portugueses estavam conectados com as produções de outros países. Além disso, é possível observar pela lista de obras mais anunciadas que as traduções das mais diversas línguas eram feitas com relativa rapidez, não deixando o público sem das novidades e sucessos. Pela predominância de obras francesas dentre as obras anunciadas pelos livreiros é possível perceber a grande importância da França na produção de romances de sucesso na primeira metade do século XIX.

---

<sup>3</sup> Foi desconsiderada, a título desta comparação, a obra *Contos Orientais*, que não possui data de publicação original nem autoria conhecidas .

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. (Org.) (2000). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ABL/FAPESP.
- ABREU, M. (2003). *Os Caminhos dos Livros*. Campinas: Mercado de Letras/ABL/FAPESP.
- ABREU, M. (2011). “A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX”. In: *Livro*, v. 1, p. 115-130.
- ABREU, M. (2013). “Connected by fiction: the presence of European novel in Brazil”. Philadelphia: Society for the History of Authorship, Reading and Publishing (SHARP), University of Pennsylvania. BALBI, A. (1822). *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d’Algarve*. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires.
- BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Org.) (2010). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp.
- CAEIRO, F. da G. (1980). *Livros e livreiros franceses em Lisboa, nos fins de setecentos e no primeiro quartel do Século XIX*. Coimbra: Coimbra Editora.
- CANDEIAS, A.; SIMÕES, E. (1999). *Alfabetização e escola em Portugal no século XX: censos nacionais e estudos de caso. Análise Psicológica*. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v17n1/v17n1a17.pdf>>. Visualização em: 10/05/2014.
- DARNTON, R. (1995). *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LISBOA, J. L. (1991). *Ciência e Política: Ler nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MANÇANO, R. (2010). *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. Campinas: Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária, UNICAMP.
- PEREIRA, M. H. (1969). “Demografia e desenvolvimento em Portugal na Segunda Metade do Século XIX”. In: *Análise social: revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, V. 7, n°25/26.
- RODRIGUES, A. A. G. (1951). *A Novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico*. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra.
- SILVA, I. F.; ARANHA, B. (2001). *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- TENGARRINGA, J. (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.